

UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM

A PEDAGOGICAL EXPERIENCE IN NON-FORMAL LEARNING SPACES

Cláudia Schvingel*
Mariângela Costa Schneider**
Suzana Feldens Schwertner***
André Jasper****

RESUMO

Reflete-se neste texto a respeito de uma experiência pedagógica a partir do trabalho desenvolvido na disciplina “Processos de Aprendizagem em Espaços Não Formais” de um Mestrado em Ensino. Objetiva-se discutir a aprendizagem em espaços formais e não formais, por meio de uma saída a campo oportunizada pela disciplina. Os estudos realizados problematizam os espaços formais e não formais de aprendizagem, propondo que ambos os espaços, quando entrelaçados, potencializam e favorecem a aprendizagem. Como resultado deste estudo, discutido a partir dos relatos de experiências da disciplina, proporcionados através de discussões teóricas e de uma viagem, pode-se inferir que a experimentação em espaços não formais de aprendizagem ampliam as formas de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: Espaço não formal. Espaço formal. Processos de ensino e de aprendizagem.

ABSTRACT

This text is a reflection on a pedagogical experience from a work developed in the “Learning Processes in Informal Spaces” subject for a Teaching Masters. It is aimed at discussing learning in formal and informal spaces through a field trip organized by the subject. The studies carried out analyze the formal and informal learning spaces and proposes that both spaces, when interwoven, potentialize and favor learning. The result of this study was discussed from accounts of experiences in the subject provided through theoretical discussions and about a trip, and it can be inferred that the experiment in informal learning spaces broaden the forms of teaching and learning.

Keywords: Informal space. Formal space. Teaching and learning processes.

* Centro Universitário UNIVATES. clau.dial@hotmail.com

** Centro Universitário UNIVATES. mariangelac@universo.univates.br

*** Centro Universitário UNIVATES. suzifs@univates.br

**** Centro Universitário UNIVATES. ajasper@univates.br

Palavras Iniciais

Este artigo tem como objetivo refletir a respeito de uma experiência pedagógica, que, apesar de organizada num espaço formal de aprendizagem – a sala de aula da disciplina “Processos de Aprendizagem em Espaços Não Formais”, de um curso de Mestrado em Ensino de Lajeado/RS, levou os mestrandos a espaços não formais, possibilitando inúmeras aprendizagens.

Os espaços não formais de aprendizagem vêm ganhando força nos últimos anos, fomentando discussões e estudos a respeito do assunto. Muitas universidades estão investindo em disciplinas que discutem o tema, assim como vem-se utilizando outros espaços para a aprendizagem dos alunos, que não seja somente a sala de aula.

Para Gadotti (2005), embora existam ONG’s e outros espaços em que a educação não formal ocorre, trazemos um exemplo de como a mesma pode ser incluída como parte da educação formal. Nesse sentido, a partir de uma viagem a São José dos Ausentes/RS, levamos na bagagem Ítaca (DURREL, 2012) nos colocando a caminho sem pressa de chegar ao destino, pois foi também durante o caminho que o grupo adquiriu experiência e aprendizagens importantes. Essa Ítaca cabe em qualquer mala, em qualquer transporte e serve para qualquer viagem, porque é levada no pensamento, na alma daqueles que viajam.

Abordaremos reflexões acerca da educação em espaços formais e não formais de aprendizagem a partir de conceitos escrutinados por alguns autores, tais como Gohn (2004, 2006) e Gadotti (2005). Com o objetivo de desenvolver reflexões a partir desta experiência pedagógica, entrecruzando com a educação em espaços formais e não formais, o texto está organizado da seguinte maneira: primeiramente, abordaremos a aprendizagem em espaços formais e não formais de aprendizagem a partir de conceitos teóricos; na segunda parte, apresentaremos a experiência da viagem a São José dos Ausentes/RS, com a discussão de vivências e experimentações do grupo. Na terceira parte, discutiremos algumas relações teóricas a partir da aprendizagem proporcionada no espaço não formal.

Nossa intenção neste trabalho é a de problematizar como os espaços de educação formal e não formal podem se complementar e auxiliar na construção da aprendizagem. Também se compreende, aqui, que a educação não formal pode ser pensada e viabilizada de forma mais intensa nos currículos escolares, favorecendo a construção do conhecimento, aliada aos espaços formais de aprendizagem, como a escola.

Discutindo a educação formal e a não-formal

A educação formal, apesar de amplamente discutida, legislada, constitucionalizada e considerada como um direito de todos, nem sempre garante a todos os alunos a aprendizagem. Sem a intenção de entrar em discussões a respeito das possibilidades e impossibilidades da educação formal, pretende-se destacar que, além desta, há outras formas de possibilitar a aprendizagem das pessoas, sejam elas adultos, adolescentes ou crianças.

Dessa forma, Gohn (2004) contesta a ideia dominante de restringir os processos educacionais a um único espaço como a escola, produzindo a ideia de que somente nos espaços escolares acontecem os processos de aprendizagem. Precisamos, nesse sentido, ampliar nosso conceito de educação, pois não é somente nos espaços escolares que acontece a aprendizagem e o ensino, mas também nos mais diferentes espaços não formais ou informais.

O entendimento que prevalece nestes espaços é o de pertencimento. Para tanto, considerar o entorno da escola, como potencialmente carregado de formas de ensino e de aprendizagem, está diretamente ligado com a “[...] melhoria da qualidade do ensino das escolas articulada à formação para a cidadania” (GOHN, 2004, p. 13). Para chegarmos à tão sonhada melhoria da qualidade do ensino, uma das formas poderia ser o investimento num trabalho potencialmente articulado entre os espaços formais e não formais de aprendizagem dos currículos institucionais, sejam eles escolares ou universitários.

Alguns autores apresentam definições de aprendizagem em espaços formais e não formais, como Gadotti (2005) e Gohn (2006). Para Gohn (2006, p. 3) “[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados”. Já a educação não formal ou informal, é demarcada pela autora “[...] como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 3). Essa autora ainda considera a educação não formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social, sendo que não há como escapar da comparação com a educação formal.

Assim sendo, ainda para Gohn (2006), a educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida, diante de processos de socialização e de experiências, em espaços com ações coletivas cotidianas. Para tanto, também precisamos pensar quem é o

educador que trabalha nestes campos de produção de conhecimento. Assim trazemos um questionamento de Gohn (2006, p. 3): “Em cada campo, quem educa ou é o agente do processo de construção do saber?”.

Na educação formal sabemos que são os professores. Na educação não formal, o grande educador é o *outro*, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc. (GOHN, 2006, p. 3).

Ademais, Gadotti (2005) reforça que a questão é definir o significado da educação formal e não formal. A educação não formal é assim descrita por ele pelo que ela representa e não no sentido de oposição à educação formal. Pois, usualmente: “[...] define-se a educação não formal por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “extra-escolar” (GADOTTI, 2005, p. 2).

Porém, defendemos que as diversas formas de educação podem complementarem-se. Não é necessário haver uma linha divisória entre as experiências que as pessoas possuem durante a sua formação, pelo contrário, compreender os pontos de ligação existentes entre a educação formal, não formal e informal pelas quais as pessoas perpassam, possam ser uma das alternativas para que hajam aprendizagens mais efetivas.

A educação formal tem objetivos claros e precisos e que geralmente se dão nos espaços escolares e nas universidades. Ela depende de: “[...] uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação” (GADOTTI, 2005, p. 2). Ainda, para o mesmo autor, a educação não formal “[...] é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática” (GADOTTI, 2005, p. 2). Gohn (2006, p. 2) traz o seguinte conceito: “[...] a educação não formal é a categoria central de trabalho de um educador social, numa pedagogia social”.

A educação não formal necessariamente não segue ou apresenta um sistema com uma sequência ou uma hierarquia de progressão. Com relação à duração ela pode ser variável, e pode (ou não) conceder certificados de aprendizagem. Gadotti (2005) faz uma discussão acerca da terminologia escola (espaço formal) e cidade (espaço não formal). Assim, para ele “[...] o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade (GADOTTI, 2005, p. 2). Já “o espaço da cidade é

marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade” (GADOTTI, 2005, p. 2). A educação formal acontece fora dos sistema da educação formal. Para isso, Gadotti (2005), vai associar a palavra não formal ao informal. O autor também traz as palavras espaço e tempo associadas ao conceito da educação não formal, para tanto:

O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p. 2).

Dessa forma, Gadotti (2005) irá associar este tempo à concepção de cultura, cidadania, trabalho, organização comunitária, permitindo a aprendizagem de conteúdos escolares em espaços diferentes. Com o avanço das tecnologias de informação e além da “[...] escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos” (GADOTTI, 2005, p.3). Com este avanço, as pessoas também passaram a ter acesso ao conhecimento por meio da informatização eletrônica em cursos a distância, pois “[...] o tempo de aprender é hoje e sempre” (GADOTTI, 2005, p. 3). Vivemos numa sociedade do conhecimento, e nesta sociedade encontramos a escola, assim:

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes. É essencial saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, saber organizar o seu próprio trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo, saber articular o conhecimento com a prática, ser aprendiz autônomo e a distância (GADOTTI, 2005, p. 3).

Ao falarmos em educação não formal, a intencionalidade nas ações é o que a define. Ela se localiza num campo da educação em que há produção de aprendizagens e saberes, mas estes, coletivos e em ambientes espontâneos, onde há relações sociais e estas acontecem conforme os gostos ou sentimentos de pertencimento a este ou aquele grupo (GADOTTI, 2005). Nesse contexto, encontramos novamente o professor que é muito mais que um mediador de conhecimento, sendo o aluno o próprio sujeito de sua formação. Professor e aluno imbricados neste sentido pela construção e reconstrução dos conhecimentos.

Os processos de ensino e de aprendizagem acontecem durante toda a vida das pessoas por meio da educação, seja em espaços formais ou não formais. A partir desta reflexão, podemos inferir que estar na escola não é garantia de aprendizagem e

acrescentamos ainda o inverso: que muitos de nossos conhecimentos adquiridos não foram necessariamente adquiridos no ambiente escolar e sim em espaços não formais. Estes conhecimentos de que falamos são conhecimentos de mundo, da sociedade, do convívio com as pessoas fora dos espaços escolares.

A educação formal por sua vez pode ser entendida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado e linearmente estruturado. A educação não formal propõe um processo de socialização dos indivíduos, capacitando os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo e no mundo, numa relação de abertura do conhecimento sobre o mundo. Os objetivos neste sentido não são dados a priori, eles se constituem durante o processo de interação nas atividades. Pois estes objetivos voltam-se as necessidades e interesses dos envolvidos numa relação de exercício da cidadania.

E é neste sentido que a experiência pedagógica a ser debatida emerge: de um espaço formal, institucionalizado, que, depois da problematização teórica a respeito da Educação não formal, extrapola as paredes da sala de aula e leva os alunos mestrando a experimentar outras formas de ensino e de aprendizagem.

Viagem a São José dos Ausentes, com Ítaca na mala

O encontro com a disciplina “Processos de Aprendizagem em Espaços Não Formais”, além de aprofundamentos acerca do entendimento da aprendizagem nos espaços formais e não formais também nos desacomodou e proporcionou experiências significativas grupais e uma aprendizagem rica.

Quando matriculados na disciplina, a princípio, mais uma das disciplinas do Mestrado, até então comum, fomos surpreendidos pela notícia de que faríamos uma viagem para uma cidade localizada na divisa do Rio Grande do Sul com o estado de Santa Catarina: São José dos Ausentes. Ao sabermos da viagem, como bons desconfiados e acomodados que somos, oriundos de uma educação muito formal, nos perguntávamos: mas por que irmos tão longe? Com o decorrer da disciplina, fomos percebendo qual era a intenção da Viagem, uma vez que, no desenvolvimento das aulas, estávamos lendo e refletindo a respeito da educação não formal e informal, mesmo dentro de uma estrutura de educação formal. Os professores nos traziam textos e indicavam um referencial teórico abrangendo a temática, e aos poucos, íamos nos desafiando a pensar sobre as possibilidades que poderiam emergir com estas outras formas de fazer educação.

Então, ao nos colocarmos a caminho de São José dos Ausentes, já no final da disciplina, começamos a perceber que estávamos mais abertos àquela viagem, do que quando iniciamos a disciplina e passamos a perceber cada momento do trajeto como possibilidade de aprendizagem. Os próprios professores organizaram o percurso com paradas estratégicas que nos faziam refletir sobre diversos pontos de vista, em algumas partes daqueles caminhos. Como um dos professores tem a formação em Biologia, e a outra professora em Psicologia, ambos, organizadores da disciplina, foram nos apresentando problemas ecológicos que circundavam nosso estado: o Rio Grande do Sul. A partir de um cronograma, íamos realizando paradas em que, ao analisarmos o relevo, a vegetação, a água e até mesmo empresas locais, os professores nos apresentavam as problemáticas existentes devido à interação destes diversos fatores. Intercaladas com leituras a respeito da educação não formal, entre outras, realizadas dentro do transporte que nos levava a São José dos Ausentes, íamos realizando estas paradas para observar o trajeto e discutir, conjuntamente com os estudos.

Eis que alguém alça Ítaca de sua mala, fazendo votos de que o caminho fosse longo, com muitas aventuras e saber (DURREL, 2012) e, com um caminho verdadeiramente longo, começa-se uma aventura, em que um grupo, até então desconhecido, começa a compartilhar um pedaço da sua vida em conjunto, no espaço coletivo da educação não formal.

Um trajeto extenso, dividido entre estradas asfaltadas e de chão batido, ora movimentadas, ora silenciosas, confortáveis e desconfortáveis, sinuosas ou retas, que revelavam, dentro do transporte coletivo, diferentes sensações. Sensações boas e ruins, que foram, devido ao longo tempo de viagem, abrindo possibilidades. Desde os bolos compartilhados durante o trajeto, as conversas, as risadas, as sonecas, até o mal-estar e as vertigens que alguns tiveram, fizeram parte de uma experiência em grupo que aproximou as pessoas, tornando o caminho repleto de aventuras, desafios e saber.

E, bem por isso, explorando o trajeto ao máximo, deixando o corpo dolorido de tanto ficar sentado na “Van”, administrando as dores de estômago, as dores de cabeça e o cansaço, fomos andando e fazendo o que a metáfora propõe, quando partimos rumo à Ítaca com o pensamento altivo, nada pode intimidar.

E assim, este passeio, a partir de caminhos inesperados, nos proporcionou experiências simples, mas diferenciadas, que impulsionaram aprendizagens. Nesse sentido, ressalta-se que por todo o trajeto realizamos explorações e experimentamos novas possibilidades. Isso faz lembrar o que Ítaca professou, fazendo votos de que o

caminho fosse longo (DURREL, 2012). Esses encontros nos proporcionaram a abertura de horizontes nos caminhos percorridos, ampliando o olhar sobre o contexto ambiental, reflexões acerca do ensino em espaços não formais de aprendizagem a partir das vivências, discussões e reflexões de textos lidos anteriormente e durante a viagem.

Ao chegarmos à nossa Ítaca, à noite, cada um procurou imediatamente o que os interessava naquele instante: um banheiro, respirar ar puro, ou simplesmente fotografar um lugar diferente. Nos ambientamos procurando parceiros para dividir os quartos, acomodando pertences pessoais e tratando de nos ajustar um pouco para podermos ser acolhidos pelos hospedeiros que nos esperavam com uma janta.

Em meio a muitas risadas e conversas, jantamos, e, ao pé de uma lareira, sentamos depois da janta para continuar o bate-papo. Ao retornarmos aos aposentos para dormir, tínhamos que atravessar um “mar de sapos”, que pulavam, sem parar de um lado para outro. E, alguns, precisando enfrentar suas fobias, precisaram passar pelos anfíbios aos gritos; o desafio foi assim concluído.

O alojamento nos quartos trouxe outras vivências, como dormir no mesmo quarto com pessoas com as quais não tínhamos tanta intimidade, o que fez com que cada um de nós controlasse seus “ruídos noturnos” e outros costumes, tentando não invadir demais o espaço do outro. Porém, esta vivência também nos proporcionou maior intimidade com colegas. Até aí, quanta aprendizagem! Quantas experiências que o espaço não formal estava nos proporcionando. O encontro com o outro, prometido pela educação não formal, nos arrebatou e nos faz aprender.

No dia seguinte, mais um desafio: cavalgar. Enquanto esperávamos que o passeio a cavalo seria um convite, ou algo que iria quem se sentisse à vontade, fomos surpreendidos novamente ao percebermos que havia cavalos para todos e todos teriam que enfrentar os seus medos e trotar a cavalo. Os animais eram calmos e bem domados, e isto nos proporcionou um passeio muito interessante até o alto do morro que fazia divisa entre os dois estados: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Lá no alto, um dos professores trouxe novamente reflexões a respeito de agressões ambientais que estavam sendo desencadeadas por ações humanas e empresas da região.

Pensar nestas possibilidades de aprendizagem em espaços não formais de ensino e de aprendizagem abre brechas para a reflexão sobre o quanto um espaço fora do contexto institucionalizado e formal pode agregar um conhecimento que atinge aspectos tanto emocionais quanto cognitivos. Nesse sentido, a partir dos seis pontos que Gohn

(2006) salienta a respeito do que a educação não formal pode desenvolver como resultados, destacamos quatro deles como resultados da nossa experiência.

O primeiro que fazemos referência é a consciência e a organização na coletividade, pois embora todos fossem adultos, a experiência da viagem nos fez sair da zona de conforto e enfrentar situações, amparando-nos em pessoas que estávamos ainda conhecendo, uma vez que havíamos iniciado as aulas do mestrado naquele semestre. Era um grupo novo que estava se formando. Nesse sentido, a viagem contribuiu também para um sentimento de identidade do grupo do mestrado. Após esta experiência dizíamos que éramos um grupo antes, e outro, depois da viagem.

Além disso, a vivência fora do contexto conhecido em que estávamos acostumados fez com que reconstruíssemos concepções de e sobre o mundo – resultado da educação não formal – também salientado por Gohn. Pois a discussão de temas desconhecidos para alguns, como a problemática da falta de água em uma das cidades do Rio Grande do Sul pelas quais passamos no decorrer do trajeto e ainda outras agressões realizadas pela ação do homem à natureza, levantadas e discutidas nesta viagem, nos fizeram rever questões a respeito do mundo que nos cerca.

E, finalmente, destacamos, a partir de Gohn (2006), a formação para a vida e suas adversidades e não apenas para o mercado de trabalho. Essas e outras aprendizagens foram possíveis através da organização da disciplina, como descrevemos acima, a partir de uma estrutura formal a uma estrutura que perpassou a educação não formal, desenvolvendo laços de pertencimento. Colaborando, como Gohn (2006) salienta, para o *empowerment* do grupo, criando o capital social de nosso grupo de mestrado, fundamentado na solidariedade e na identificação de interesses comuns.

Portanto, através de Guará (2009, p. 78), afirmamos que:

[...] o reconhecimento da centralidade da escola na educação das novas gerações não deve ocultar as potencialidades deste em outros contextos e espaços de aprendizagem, na família, no convívio social mais amplo e nas organizações e agências que a criança frequenta, ou deveria frequentar, em sua vida cotidiana.

Nesse sentido, reafirmamos que quanto mais diversificadas forem as formas de educação, sejam elas formal, não formal ou informal, maiores serão as possibilidades das que adquirirem conhecimentos integrais. Assim sendo, São José dos Ausentes – a nossa Ítaca –, o nosso destino, podemos dizer que este foi bom, trazendo grandes aprendizagens, mas o trajeto da viagem também foi um agregador de conhecimentos,

onde pudemos perceber o quanto Ítaca era bela e sábia. Desse modo, um complementou o outro, a viagem, Ítaca e as pessoas, tornando-se uma experiência inesquecível.

Palavras finais

Percebe-se que não é comum a escola oferecer a seus alunos vivências e experiências em outros espaços que não seja o espaço da escola e, em muitos casos, este espaço restringe-se quase que exclusivamente à sala de aula. Para tanto, nesta produção problematizamos as relações entre educação formal e não formal num sentido complementar à aprendizagem. Na educação não formal, os alunos aprendem pela experiência e em espaços alternativos. Muitos alunos possuem vivências e aprendizagens adquiridas por meio da educação informal e o professor, ao possibilitar que estas façam parte do cotidiano escolar, estará favorecendo a troca de saberes.

Nesse sentido, muitos conhecimentos podem ser apreendidos quando se estabelece a relação teoria/prática proporcionada pelo ambiente. Portanto, temos de ter clareza que a educação não formal não substitui a educação formal: ela a complementa, principalmente nos espaços que oferecem a interatividade e a participação. Deixa de lado a fragmentação do conhecimento, levando o aluno a perceber que as diferentes áreas se complementam e que uma necessita da outra para a compreensão dos diferentes conteúdos do currículo escolar.

A iniciativa da aprendizagem em espaços não formais nos faz acreditar que o ensino não formal tem ainda um enorme potencial a ser explorado, principalmente no que diz respeito à sua capacidade de motivar o aluno para o aprendizado – valorizando suas experiências anteriores –, de desenvolver sua criatividade e, sobretudo, de produção de conhecimento.

As vivências da viagem relatadas nesta produção, proporcionada pela disciplina “Processos de Aprendizagem em Espaços Não Formal”, foram a base para refletirmos sobre a educação formal e não formal, para também tornarmos professores que possibilitarão novas experiências aos alunos. É imprescindível relatar que foi necessário sentirmos com o próprio corpo para podermos pensar novas formas de aprendizagem, levando Ítaca na mala. Sem ela, a viagem não seria a mesma. Ítaca nos possibilitou outras vivências, outras aprendizagens, pois conforme a poesia, a beleza não está somente no encontro com Ítaca, mas também no decorrer do trajeto.

Com emoção a viagem nos tocou; retornamos da mesma com outros

pensamentos, tomados e inspirados para outras vivências. Esta inspiração nos faz pensar a função do professor no processo de ensino e aprendizagem, que ao planejar as ações poderá possibilitar desafios outros para seus alunos. Um professor que se propõe a aprender; mais do que isso, um professor que propõe aos seus alunos saírem dos trilhos.

A otimização dos espaços não formais de aprendizagem como possibilidade metodológica rica, que acredita na aprendizagem que ocorre tanto dentro quanto fora da sala de aula, e mesmo do contexto escolar, favorece a ampliação da gama de saberes. Tudo isso é um exercício de pensamento na busca de abrir este pensamento ao ainda não pensado, ou seja, ao que parece impossível de ser pensado. Dessa forma, abrir espaço para outras possibilidades e vivências e ser professor neste contexto é vivenciar e possibilitar práticas diferenciadas para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A articulação entre escola e comunidade, ou seja, escola e mundo, não pode mais ser um sonho, uma utopia, mas uma necessidade. Por isso salientamos para a possibilidade das instituições escolares voltarem seus currículos tanto para a educação formal, quanto para a educação não formal e informal, favorecendo encontros com outras vivências.

Essa não é uma tarefa fácil e não basta somente a boa intenção de alguns gestores e/ou governantes. Esta educação tem que ser vista como uma prática pautada por um olhar em relação ao papel da escola e seu currículo, propondo uma articulação da educação formal com a não formal. Ou seja, elas não podem mais ser vistas como opostas, mas como entrelaçadas numa proposta conjunta para o currículo escolar.

Referências

DURREL, Lawrence. **O Quarteto de Alexandria**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 2012.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Institut international des droits de l'enfant (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problèmes nas solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre. 2005. p.1-11.

GOHN, Maria da Glória. A educação não-formal e a relação escola-comunidade. **EccoS**, São Paulo, v. 6, n. 2. p. 39-65, 2014.

_____. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PEDAGOGIA SOCIAL, 1., **Anais...**, 2006. São Paulo.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>> Acesso em: 8 jul. 2015.

GUARÁ, Isa Maria. Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.